

## Dois Ensaios com Terra, Tambor e Voz Humana

DANIEL V. MELIM\* e MARIA PETERSEN\*

Artistas Visuais



<https://www.youtube.com/watch?v=hbNrTUuXFSs>

© Daniel V. Melim e Maria Petersen

Se te aproximas do centro, o centro aproxima-se de ti. És um espelho de pele, com terra a suportar-te. Se te aproximas, o centro aproxima-se de ti. Podes ir buscar a velhinha doutrina das assinaturas para o explicar (Pearce, 2008), e parafrasear as ideias atribuídas a Hermes Trimegisto, dizendo que o que está em cima é igual ao que está em baixo, e que o que está dentro é igual ao que está fora (Ebeling, 2007), mas aproximares-te do centro nunca esgotará o mistério do lugar em que essa aproximação ocorre. Se te aproximas, é porque algo chama sempre, ainda que esse algo tenha o seu rosto inesgotável sempre voltado para o escuro. Podes dizer que o mundo se aproxima porque te aproximas do mundo, mas tens apenas vislumbres em fuga do padrão de luminosas cordas secretas que

operam essa simetria constante. Sobre esta operação irresolúvel, e como uma alegria sem dono, pairam a luz e o som que acordam quando fazemos por nos aproximar vivamente do nosso espelho de carne e osso. Com a terra, aqui e hoje.

Num tambor feito de pele de cabra esticado com cordas sintéticas sobre um aro de lâminas de pinheiro, escutamos o lugar. Este lugar oracular agitado pelas canções antigas que restam destiladas nas nossas gargantas, agitado pelas visões que o olhar impõe à terra escura que se mexe sobre o tambor claro. O canto e as imagens entrelaçam-se e desdobram-se num abraço que contém a um tempo o que já foi e o que será. O oráculo tritura o tempo e apresenta o possível, para agora. Há uma emoção ternurenta que transborda deste oráculo caseiro que consiste em deitar terra sobre um tambor e tocá-lo, e às vezes cantar enquanto se toca. Há uma emoção ternurenta que é exigente, porque sabemos que olhar nos dirá sempre o que queremos ver no mundo, e que o faz a partir de um dentro. Um dentro que exige tomar forma no mundo. É um oráculo dos desejos que o mundo tem para o mundo, oráculo que fala através da experiência silenciosa da recepção de cada um ao ruído do mundo que lhe nasce e morre frente ao seu rosto receptivo de carne osso. Há um dentro que se chama incessantemente para o mundo, num espelho cuja simetria é palpável mas impossível de reduzir ao verbo. Estamos juntos nisto.

A disciplina da Cimática estuda o comportamento de matérias (líquidos, poeiras e outras) submetidas a frequências sonoras constantes (Gioia, 2006). Comumente, essas matérias são depositadas sobre placas de metal e exuberam em padrões de uma beleza desarmante. Os desenhos são tanto mais complexos quanto mais alta for a frequência, e qualquer alteração de frequência provoca imediatamente a mudança da matéria para um outro padrão regular e simétrico. É uma coreografia impecável de poeiras e líquidos. Uma das muitas consequências extraíveis da Cimática, então, é a visualização directa dos padrões sonoros.

Outrossim, o povo Shipibo, tradicionalmente habitante da bacia do rio Amazonas, tem por prática estabelecida nos séculos a execução (sobre tecido, cerâmica e outros objectos) de complexos padrões geométricos. Estes padrões são a materialização visual dos Ícaros, canções ensinadas (durante o sono ou em estado alterado de consciência) pelos espíritos de algumas plantas aos curandeiros tradicionais. Essas canções são canções de cura, uma tecnologia extremamente precisa e validada na comunidade pela sua capacidade

concreta de restabelecer padrões vibratórios saudáveis em zonas físicas, mentais e espirituais dos indivíduos. Por vezes usadas em articulação com práticas de psicoterapeutas profissionais, e sempre em conjunto com a toma ritual e consciente de plantas, essas canções de cura são parte essencial do sucesso que se tem vindo a comprovar, por exemplo, na cura de adicções severas (Mabit, 2017; Berlowitz et al., 2018). Referimo-nos aqui ao contexto tradicional e sério de uso dos Ícaros, e não à recente turistificação “espiritual” que paralelamente tem ocorrido no Peru.

A nós, hoje, com esta prática, interessa-nos o lugar mágico da criação. Mágico porque potencialmente transformador, surpreendente e conectivo. Não “mágico” porque lugar de alguma variedade de “ugabuga” espampanante e reservado a “iniciados”. Não separamos a prática performativa do seu potencial transformador e redentor, assim como não atribuímos nenhuma capacidade extraordinária nem a nós nem às práticas de som, imagem e corpo de que cuidamos. Há, no entanto, magia por aqui, uma magia normalíssima e abissal por descobrir. E há umas práticas que funcionam, outras que não. Os critérios de “funcionamento” vão sendo aferidos instante a instante, sendo por agora difícil verbalizá-los sem sentirmos imediatamente a pretensão a surgir. Preciosas, essas sim e desde logo, são a escuta e a dedicação, tanto de quem vê como de quem faz. Preciosos são também os exemplos de quantos, muito antes de nós, com robustas raízes nesta terra e mesmo se cheios de falhas e dúvidas, deixaram trilhos de magia humilde e funcional com os quais aprendemos. Interessa-nos abeirar esse lugar ligado e espantado. Interessa-nos cantar e desfrutar deste tempo em que estamos juntos sobre esta gigante massa redonda que anda à volta do sol, com a lua por perto. Interessa-nos contribuir, em rede com o crescente número de espíritos afins, para a abertura de espaços sociais sólidos e afectuosos. Interessa-nos uma activação inocente e consistente do abismo criativo em que nos lançámos nessa vida.



<https://www.youtube.com/watch?v=IFfBng3l0Yk>

© Daniel V. Melim e Maria Petersen

A matéria gira sem controle sobre o tambor, gira sem mestre e sem perfeição tradicional, gira sem frequência perfeita e repetível. Alguma riqueza que tenha, é por agora a de acordar sonhos que estivessem dormindo dentro do olhar de quem vê. Borrões negros mágicos de histórias que dormem na barriga da visão e da audição. Por vezes o clarão escuro de alguns padrões vem ter connosco, dando a medida da nossa tranquila e entusiasmada ignorância transversal. Talvez seja pouco, talvez não seja pouco, mas aos poucos vai sendo alguma coisa. A matéria girando sobre o tambor esboça histórias e práticas que virão, tal como as gargantas esboçam as canções que embalarão as histórias. Giramos com todo o cuidado possível sobre a terra que nos deixaram, e sobre os sonhos que nos deixaram os antepassados. Cantamos, enquanto a deixamos aos seguintes. Escolhemos coisas, e deixamos coisas de lado. A prática foca a nossa presença neste mundo. Entre as mãos e os olhares que verdadeiramente cuidem, as mutações da matéria ensinam-nos uma canção de beleza, exigência e desaforo.

**Referências:**

Ebeling, Florian (2007), *The secret history of Hermes Trismegistus: Hermeticism from ancient to modern times*, Ithaca: Cornell University Press.

Berlowitz, I., Ghasarian, C., Walt, H., Mendive, F., Alvarado, V., Martin-Soelch, C. (2018), "Conceptions and practices of an integrative treatment for substance use disorders involving Amazonian medicine: traditional healers' perspectives" in *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 40, s.l.: s.n., pp..200–209.

Gioia, Ted (2006), *Healing Songs*, Durham and London: Duke University Press, pp.146-149.

Mabit, Jacques (2017), *New Applications of Amazonian Indigenous Practices for Drug Addiction Treatment and Mental Health*, s.l: Takiwasi.

Pearce, J.M.S. (2008), "The Doctrine of Signatures" in *European Neurology*, n.º60, s.l.: Karger, pp. 51-52.

**Daniel V. Melim\***

Finalista do Prémio EDP Novos Artistas 2007, vencedor do Prémio Fidelidade Mundial Jovens Pintores em 2011 e *shortlister* do projecto mundial *100 Painters of Tomorrow* (Thames & Hudson, 2014). Tem desenvolvido projectos artísticos em Portugal, Espanha, Brasil e Reino Unido. Colaborou vários anos com o serviço educativo do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian (actual Colecção Moderna). Está representado em várias colecções públicas e privadas, em Portugal e no estrangeiro. Tem desenvolvido sobretudo imagens feitas à mão (pintura/desenho), projectos de escrita e projectos relacionais/comunitários em que a Arte está também ao serviço do desenvolvimento pessoal dos participantes e do próprio autor. Nas suas obras aborda as dimensões afectivas, colectivas, políticas, ecológicas, espirituais e curativas da criação. Tem formação académica em Artes Plásticas-Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2006) e em MA Applied Anthropology and Community and Youth Work (Mestrado em Antropologia Aplicada, Comunidade e Educação Não-formal com Jovens) pelo Goldsmiths College - University of London (2016). Para este MA foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

**Maria Petersen\***

Iniciou a sua jornada criativa desde cedo, completando o Secundário na António Arroio e licenciando-se na Faculdade de Belas Artes em Lisboa. Trabalhou com desenho, pintura, fotografia, vídeo e lecionou pintura, desenho e escultura no Nextart - Centro de Formação Artística. Desde 2013, tem experimentado e investigado nas áreas das medicinas alternativas, alimentação e cura natural, debruçando-se também sobre o universo da agricultura, permacultura e agrofloresta. Na área da música conta com a participação em coros, estando actualmente envolvida no Coro Miosóitis dirigido pelo maestro Luís Almeida, e dinamiza livremente círculos de voz desde 2017 em conjunto com outras mulheres.